

Sartre e Sêneca: um diálogo acerca da liberdade e da morte

EDUARDO ADAM SIQUEIRA¹

Resumo: Este artigo é fruto de reflexões desenvolvidas em disciplinas do curso de Filosofia, propondo um diálogo entre as concepções de Sartre e Sêneca no contexto de um plano de aula voltado ao ensino médio. A análise aborda o tema da morte na perspectiva estoica, explorando as orientações de Sêneca para uma vida desvinculada de prazeres efêmeros, direcionada à busca pela verdadeira sabedoria por meio da aceitação racional do ciclo natural da vida e da morte. Em contraposição, são discutidas as ideias de Sartre, que rompem com a visão estoica de liberdade como conformidade com a natureza, enfatizando a responsabilidade radical do sujeito pela construção de sua existência, sem apoio em ordens transcendentais ou naturais.

Palavras-chave: Liberdade. Morte. Virtude.

Introdução

A liberdade é um tema central na história da filosofia, assumindo diferentes interpretações conforme os contextos históricos e as tradições filosóficas. Este artigo propõe um diálogo entre Jean-Paul Sartre e Sêneca, destacando os contrastes e as aproximações entre suas visões sobre a liberdade e a relação desta com a morte. Para Sartre, a liberdade é radical e inevitável, caracterizada pela ausência de essência pré-definida e pela responsabilidade integral do indivíduo por suas escolhas e pela construção de sua própria existência. Em contrapartida, Sêneca, representante do estoicismo, concebe a liberdade como uma conquista racional e virtuosa, alcançada pela aceitação serena da ordem natural do cosmos e pela consciência da finitude humana.

Por meio dessa análise, o artigo reflete sobre como ambos os pensadores abordam os desafios e as potencialidades da liberdade humana. Em Sartre, encontramos a angústia da criação de sentido em um mundo desprovido de fundamentos transcendentais, enquanto, em Sêneca, vemos a busca por uma vida alinhada à natureza, onde a morte é encarada como parte inevitável da existência.

¹ Graduando em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: eduardo.adam2020@gmail.com

A proposta deste trabalho é contribuir para uma compreensão mais ampla sobre os modos de lidar com a liberdade e a mortalidade, destacando como esses conceitos podem ser aplicados tanto no ensino da filosofia quanto na reflexão sobre a condição humana.

Liberdade sartriana

Ao trabalhar os temas da morte e da liberdade, estamos lidando com aspectos centrais da experiência humana que se entrelaçam de maneira profunda e reveladora em nossas vidas. A morte nos lembra da urgência em viver plenamente e a liberdade nos confere a autonomia necessária para traçar nosso próprio caminho.

Ao trabalhar esses conceitos em conjunto, exploramos o que significa viver de maneira consciente e emancipatória. Para tanto, iniciaremos expondo de maneira pontual três conceitos-chave da filosofia sartriana que é a ponte para analisarmos quais são as perspectivas de Sêneca.

Para Sartre, a *liberdade* é a característica fundamental da existência humana, argumentando que os seres humanos são radicalmente livres, o que significa que estamos constantemente criando a nós mesmos por meio de nossas escolhas. Não há uma natureza humana pré-definida ou propósito que nos guie, somos responsáveis por nossas ações e pelo que nos tornamos. Essa liberdade, contudo, não é isenta de angústia, pois com ela vem a responsabilidade total por nossas escolhas.

Sartre destaca que, por sermos livres, não podemos culpar forças externas — como a natureza, Deus, ou a sociedade — pelas decisões que tomamos. Estamos *condenados a ser livres* porque não podemos fugir da liberdade e de suas implicações. Uma vez lançados no mundo, somos completamente responsáveis por tudo que fazemos. (WARBURTON, 2012. p. 135).

O conceito de *náusea* está ligado à experiência de confrontar a liberdade absoluta e a falta de um significado inerente à vida. Em seu romance intitulado *A Náusea*, Sartre descreve esse sentimento como o resultado de perceber que o mundo é desprovido de valores e significados preestabelecidos. A *náusea* surge

quando nos damos conta da pura existência das coisas, sem um propósito transcendental. Para Sartre, a náusea é a angústia que sentimos ao encarar a contingência do mundo e a nossa própria existência. Esse sentimento revela que a realidade é absurda e que cabe a nós dar sentido a ela, o que reforça a ideia de que somos responsáveis pela criação do nosso próprio significado.

Os homens. É preciso amar os homens. Os homens são admiráveis. Sinto vontade de vomitar – e de repente aqui está ela: a Náusea. Então é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Existo – o mundo existe -, e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz para mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. Gostaria tanto de me abandonar, de deixar de ter consciência de minha existência, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca... E subitamente, de repente, o véu se rasga: compreendi, vi. A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu. (SARTRE, 2005. p.75).

A má-fé é um conceito crucial na filosofia sartriana, que descreve o autoengano, ou seja, quando as pessoas negam sua liberdade e responsabilidade. Ela ocorre quando tentamos nos convencer de que não somos livres, agindo como se fôssemos meramente determinados por circunstâncias externas, como regras sociais, expectativas dos outros, ou papéis que desempenhamos. Um exemplo clássico é o garçom que age como se fosse "apenas" um garçom, limitando sua identidade à sua função, negando sua capacidade de ser mais do que isso. A má-fé é uma forma de fuga da responsabilidade que nossa liberdade impõe, porque aceitar nossa liberdade nos coloca diante da angústia e da responsabilidade de nossas escolhas.

Ao considerar esses conceitos de Sartre, é possível estabelecer um diálogo com as reflexões de Sêneca sobre a morte e a liberdade. Pois, enquanto Sartre aborda a liberdade como uma condição radical e inevitável da existência humana, Sêneca a enxerga como uma conquista interior, alcançada pelo domínio das paixões e pela aceitação da natureza da vida e da morte.

Liberdade em Sêneca

Para o filósofo estóico, a morte não deve ser temida, mas compreendida como parte intrínseca da condição humana. Assim como a liberdade em Sartre nos exige responsabilidade diante de nossas escolhas, em Sêneca, ela demanda uma vida guiada pela virtude e pela razão, onde a consciência da finitude nos impulsiona a viver de forma plena. Essa visão estóica complementa a discussão sartriana, oferecendo uma perspectiva que alia a liberdade existencial à serenidade diante da mortalidade. Em *Cartas à Lucílio*, Sêneca propõe um modelo de "homem perfeito", que:

[...] O homem perfeito, possuidor da virtude, nunca se queixa da fortuna, nunca aceita os acontecimentos de mau humor, pelo contrário, convicto de ser um cidadão do universo, um soldado pronto a tudo, aceita as dificuldades como uma missão que lhes é confiada. Não se revolta ante as desgraças como se elas fossem um mal originado pelo azar, mas como uma tarefa de que ele é encarregado. «Suceda o que suceder», — diz ele — «o caso é comigo; por muito áspera e dura que seja a situação, tenho de dar o meu melhor!» Um homem que nunca se queixa dos seus males nem se lamenta do destino, temos forçosamente de julgá-lo um grande homem. (ALVES, 2012).

291

De acordo com ele, é aquele que possui a virtude como guia central de sua vida e, por isso, nunca se queixa das circunstâncias externas, sejam elas boas ou más. Esse indivíduo encara os desafios com serenidade, aceitando as dificuldades como parte do seu dever como cidadão do universo, ou seja, alguém que compreende a natureza cíclica e impessoal da vida.

Para o estoico, a fortuna, o destino ou o acaso não são responsáveis pelo bem ou pelo mal, mas sim oportunidades para exercitar a própria virtude. A aceitação dos infortúnios sem revolta ou descontentamento é, na visão de Sêneca, uma demonstração de grandeza, pois o verdadeiro sábio encara a vida como uma missão, disposto a dar o seu melhor em qualquer situação.

Uma vez encarada a vida dessa maneira, presume-se que a morte também deve ser encarada como parte natural da vida e que não deve ser temida, neste sentido, o reconhecimento da finitude humana permite que as pessoas vivam de

maneira mais plena e sábia, para ele. Indaguemo-nos: é possível viver de maneira serena e racional ao se ter a consciência de que a morte pode nos aguardar a qualquer momento, seja em um dia, uma semana ou um mês? Como reagiríamos se tivéssemos essa informação de forma precisa? Na carta 93, Sêneca (*Cartas*, XV, p. 475) argumenta: “Que interessam os oitenta anos passados daquele homem passados na inacção? Ele não viveu, demorou-se nesta vida; não morreu tarde, levou foi muito tempo a morrer!” Ao tratar dessa questão, ele faz uma distinção clara entre uma vida verdadeiramente vivida e uma vida longa em termos de anos passados na Terra. São aspectos distintos. Uma pessoa com oitenta anos de idade pode, na realidade, ter vivido de maneira plena apenas quarenta desses anos, enquanto a outra metade foi dedicada aos vícios e prazeres efêmeros. Portanto, entender que o medo da morte é irracional e que, ao aceitá-la como parte do destino, é possível viver uma vida mais autêntica e livre de angústias.

Podemos perceber uma dualidade entre Sartre e Sêneca sobre a liberdade, cada qual enraizada em contextos filosóficos distintos. Percebemos que para Sartre, a liberdade é uma característica fundamental da existência humana, marcada pela ausência de uma essência ou propósito pré-definido. Isso implica que o ser humano é radicalmente responsável por suas escolhas e pela construção de sua própria identidade.

A liberdade, nesse sentido, é vivida na contingência, sem garantias transcendentais, e frequentemente acompanhada pela angústia diante do absurdo e da náusea, que revelam a falta de significado inerente à vida. Em contrapartida, Sêneca entende a liberdade como um estado alcançado através da conformidade com a ordem natural do cosmos, regido pela razão universal (*Logos*). Viver livremente, neste contexto, significa aceitar o ciclo natural da vida e da morte com serenidade, reconhecendo a morte como parte inevitável da existência humana.

Enquanto Sartre rejeita qualquer noção de predestinação, afirmando que somos inteiramente responsáveis por dar sentido à nossa vida, Sêneca concebe a liberdade como uma adesão racional a um destino já estabelecido pela natureza. A ética sartriana, centrada na autenticidade, exige que o indivíduo enfrente sua

liberdade de maneira criativa e responsável, enquanto a ética estoica valoriza o domínio das paixões e a conformidade virtuosa com as adversidades da vida.

Assim, enquanto Sartre apresenta a liberdade como um fardo existencial que exige a criação constante de significado, Sêneca a enxerga como uma conquista serena, alcançada pela aceitação do que é natural e inevitável. Esses contrastes oferecem uma perspectiva rica para compreender diferentes formas de abordar os desafios da condição humana.

Referências

WARBURTON, N. *A angústia da liberdade*. Uma breve história da Filosofia. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 135-138.

SÊNECA, L, A. *Cartas a Lucílio*. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

SARTRE, J-P. *A náusea*. Rio de Janeiro. 2005. Nova Fronteira. 12. ed. Trad Rita Braga.

Submissão: 05. 12. 2024

/

Aceite: 03. 02. 2025

293